

A DISCIPLINA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO ENTRE OS ANOS 40 E 70 EM ALGUMAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

*Elisete M. Tomazetti
Universidade de São Paulo*

Esta comunicação refere-se a alguns elementos que estão sendo trabalhados em nossa pesquisa de doutoramento pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, na área de História e Filosofia da Educação. A compreensão acerca da constituição disciplinar da Filosofia da Educação nos cursos de formação de professores de algumas universidades brasileiras desde os anos 30 aos anos 90 tem o sentido de preencher um espaço, ainda hoje, vago no campo da filosofia da educação. Não temos tido no Brasil uma preocupação efetiva com este tipo de saber, tanto no que se refere ao conhecimento de sua história, quanto no que se refere às diretrizes norteadoras de suas reflexões no espaço institucional da formação de professores.

Os profissionais que atuam em cursos superiores com filosofia da educação não têm avançado em uma reflexão que possibilite a compreensão de sua identidade. O saber filosófico tem se imposto ao saber educacional, ao invés de constituir-se em um saber próprio, construído a partir da relação entre filosofia e educação. As filosofias de diversos pensadores são requisitadas para sustentar princípios e valores educacionais e, também, concepções amplas de escola e de educação. Recorrendo a Israel Scheffler, Carlos Eduardo Guimarães afirma que “o que a filosofia da educação tem sido é a aplicação de doutrinas filosóficas ‘puras’, já prontas, ao campo educacional e o trabalho do filósofo da educação tem sido o de tirar consequências, implicações, de tais doutrinas. Assim, o ponto de partida não é o interesse direto pelas questões educacionais, e nem estas são objeto de uma reflexão originária, pois o importante passa a ser a construção de uma teoria que oriente a prática educacional como decorrência direta de uma doutrina filosófica privilegiada, de um sistema que se quer verdadeiro”.

A relação entre filosofia e educação, sustentadora da disciplina filosofia da educação, necessita ser conhecida nos diferentes momentos constituidores de sua institucionalização na universidade brasileira que é, de certa forma, muito recente. Por isso, a recuperação do con-

texto de sua institucionalização nos aponta para a própria criação da universidade brasileira, a partir do modelo de integração e unidade caracterizadores da universidade alemã do final do século XIX. Trata-se, especificamente, da criação das faculdades de filosofia, ciências e letras, mas que no Brasil, também receberam a denominação de *faculdade de educação, ciências e letras*, assumindo a função de “ampliar a cultura no domínio das ciências puras, promover e facilitar a prática das investigações originais, desenvolver e especializar conhecimentos necessários ao exercício do magistério, sistematizar e aperfeiçoar, enfim, a educação técnica e científica para o desempenho profícuo de diversas atividades nacionais”². Tais faculdades deveriam desenvolver e aprimorar pesquisas “desinteressadas” nas áreas científicas e, ao mesmo tempo, propiciar a formação de professores de nível secundário que eram, naquele momento, considerados como grandes responsáveis pelo incentivo e consolidação do processo de modernização do país. A transformação do modelo das faculdades de filosofia, responsáveis pela “alta cultura”, em um instituto, também, responsável pela formação de professores possibilitou que tal instituição oscilasse sempre entre uma e outra finalidade. Como tão bem enfatizou Newton Sucupira: “Culturalmente a tarefa pedagógica de treinar professores lhe parecia muito pouco; doutra parte, os objetivos de altos estudos eram, para a maior parte delas (faculdades de filosofia), inacessíveis”³.

É no contexto de criação do curso de Pedagogia, no conjunto das FFCL em 1939, que a disciplina Filosofia da Educação surge na universidade brasileira, compondo juntamente com a História da Educação uma *cadeira* de real importância para a formação de professores secundários. Na verdade, torna-se importante refletir, por um momento, sobre a importância e legitimidade que tal disciplina possuiu em relação, por exemplo, a Sociologia da Educação e a Psicologia da Educação. Na Europa, nas décadas de 40, 50 e 60, o fortalecimento das ciências da educação gerou uma rejeição do discurso filosófico sobre as questões educacionais. Tratava-se de construir um discurso científico sobre a educação, abandonando a fundamentação universal e totalizadora própria da filosofia.

No Brasil, a institucionalização dos cursos de formação de professores é tardia e, portanto, as lutas de representação no interior do campo educacional apontam uma condição de igualdade entre as ciências da educação e a filosofia da educação. Somente a partir da década de 60 é que passa a haver uma superação do discurso filosófico da educação em detrimento da sociologia e da psicologia da educação. Pensamos que a filosofia foi a grande matriz sustentadora das FFCL no Brasil (1939-1968) e, por isso, os estudos filosóficos gerais e filosóficos da educação conseguiram manter-se em situação de importância, disputando legitimidade com os demais saberes.

Uma pesquisa sobre o ensino da filosofia da educação enquanto uma disciplina de formação pedagógica em diferentes momentos de nossa história, neste século XX é de vital importância como já afirmamos. Para a sua realização, optamos por trabalhar com os seus programas, especialmente, como forma de elucidar as diferentes concepções no ensino da

filosofia da educação que construíram uma tradição na história da educação brasileira. Traçamos assim, um quadro geral com quatro momentos significativos:

- 1- A filosofia da educação como pertencente à cadeira de História e Filosofia da Educação no contexto das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de algumas universidades (1939-1968)
- 2- A disciplina filosofia da educação a partir da Reforma Universitária (Anos 70)
- 3- A consolidação da disciplina filosofia da educação brasileira (Anos 80)
- 4- A disciplina filosofia da educação nos anos 90: Para onde ir?

Esta comunicação centra-se, basicamente, sobre o primeiro momento de nossa pesquisa e abrange a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Universidade de São Paulo:

Conforme o Anuário da FFCL de 1939-1949, a cadeira de Filosofia e História da Educação foi criada no Instituto de Educação e em 1938 foi transferida para a FFCL, na seção de Educação, quando da extinção do Instituto. Em 1940 passou a fazer parte da seção de Pedagogia, devido a reforma que instituiu a Faculdade Nacional de Filosofia. Em 1942 passou a denominar-se História e Filosofia da Educação. O seu fundador foi o professor Roldão Lopes de Barros (1884-1951), o qual cursou a Escola Normal e, mais tarde, a Faculdade de Direito de São Paulo.

A orientação didática da cadeira “procurou partir sempre de uma visão geral dos assuntos, para concluir, nos fins do curso, com estudos monográficos; procurou sempre pôr ao alcance dos alunos, as obras originais dos pensadores estrangeiros”⁴.

Com a análise dos programas constatamos dois blocos distintos de conteúdos: o primeiro referente a questões específicas de filosofia, basicamente a partir da filosofia moderna e contemporânea, e a temas como a metafísica, a moral, o conhecimento, a estética e a lógica. O segundo bloco refere-se a problemas e questões educacionais tratados pela reflexão filosófica como: a cientificidade do conhecimento educacional, os valores e os fins da educação. Já nos anos de 1965, 1966 e 1967, o programa passa a referir-se a LDB e às questões da educação brasileira, o que demonstra a importância dessa temática extraída das discussões político-educacionais da época.

Identificamos, também, a importância em primeiro apresentar ao aluno a Filosofia e as suas temáticas fundamentais para, somente após, avançar na problemática educacional. Algumas temáticas são recorrentes nesse período: ética e educação, fins e valores da edu-

cação, cientificidade do conhecimento educacional, filosofia e ciências da educação. Podemos perceber uma preocupação em estabelecer-se uma reflexão sobre as características da filosofia da educação, enquanto uma disciplina especial da filosofia, o que pode demonstrar a tentativa de construção de seu campo específico.

Perguntamos porque tais conteúdos seriam importantes na formação dos professores secundários? Primeiramente, entende-se que o conhecimento filosófico forneceria categorias de análise para os problemas educacionais; propiciaria uma forma de pensar que inclui o homem, o seu mundo e a natureza. Portanto, elabora uma reflexão da totalidade e também; ajudaria a refletir especificamente sobre a condição de cientificidade ou não da pedagogia, reflexão extremamente prioritária naquele período. Caberia à filosofia da educação dar condições ao futuro professor de definir os fins e os valores da educação a partir da consciência de seu mundo (dimensão cultural) e estabelecer as características do conhecimento educacional, definindo então, o lugar da filosofia da educação no campo educacional.

Salienta-se que a partir de 1965, até início da década de 70, os programas passam a incluir temas que não eram apenas da competência de educadores e intelectuais, mas também de políticos, como a LDB< os objetivos da educação primária e secundária, a situação educacional brasileira. Enfatiza-se portanto, a necessidade de trazer-se para a sala de aula temas que figuravam nas discussões políticas e ideológicas da época. Esse é o único momento, no período estudado, em que temáticas mais cotidianas e concretas são trazidas pela disciplina para a sala de aula. Confirma-se a tendência, ainda hoje presente, de distanciamento da filosofia da educação de temas do cotidiano da escola e próprios da relação educativa.

Universidade Federal do Rio de Janeiro:

A UFRJ originou-se da Universidade do Brasil, criada em 1937 pelo governo de Getúlio Vargas, como tentativa de “fixar o padrão do ensino superior de todo o país”⁵. A Universidade do Brasil incorporou a Universidade do Rio de Janeiro, fundada em 1920, e lhe acrescentou uma nova concepção calcada na idéia de “campus universitário”, na instituição da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que já constava do Estatuto da Universidade Brasileira de 1931, mas que não fora concretizada e, também, na criação de novas faculdades e novos institutos.

Na Universidade do Brasil, Raul Jobim Bittencourt foi o professor catedrático de História e Filosofia da educação nos cursos da Faculdade Nacional de Filosofia, desde 1939. Nascido em Porto Alegre, cursou a Faculdade de Medicina e atuou como docente livre de clínica psiquiátrica na própria universidade e também como docente do Colégio Porto Alegre e da Escola Normal de Porto Alegre. Foi deputado na Assembléia Nacional Constituinte (1933-1934) e tenente-coronel da Revolução de 1930. Percebe-se a trajetória de vida do professor Bittencourt dividida entre a medicina, a política e a educação, mas encaminhando-se, a partir dos anos 40, muito mais para a educação.

Nos programas encontrados podemos perceber que não houve mudanças significativas entre 1944 e 1964, mantendo-se três grupos básicos de conteúdos:

- 1- Introdução à filosofia: evolução do pensamento mágico ao pensamento racional; conceitos de filosofia em diferentes pensadores; distinção entre filosofia e ciência; problemas filosóficos do real e problemas filosóficos do valor; meios de alcançar a verdade (indução, dedução, analogia); filosofia dos valores.
- 2- Temas educacionais: classificação dos estudos pedagógicos; conceito de filosofia da educação; modalidades e graus do ensino brasileiro; conceitos de educação; divisão da pedagogia (prática e teórica); fins e valores educacionais; filosofia da educação e pedagogia científica.
- 3- Temas abrangentes: aspecto social da educação; disposições genéticas do educando; estrutura corporal e temperamento; hereditariedade; processos intersíquicos; teorias da aprendizagem.

Todos os programas apresentam, inicialmente uma introdução à filosofia, começando pela origem da palavra, distinguindo mito, ciência e filosofia e recuperando as compreensões de filosofia de grandes pensadores de vários períodos. Logo a seguir, os temas educacionais propõem uma reflexão sobre a pedagogia enquanto arte, teoria ou ciência e sobre a importância da filosofia para a compreensão das questões educacionais e, por fim, a sempre presente temática dos fins e valores educacionais. Nos chama atenção, no entanto, a terceira temática que abrange a biologia, a sociologia e psicologia. Justifica-se a inserção de conteúdos pertencentes a outras ciências pelo fato de que, segundo o professor Bittencourt, a filosofia busca a compreensão da totalidade do processo educacional. Outra razão que podemos apontar diz respeito a sua formação médica, apoiando-se portanto, na biologia e na psicologia, principalmente.

Diferentemente dos programas do mesmo período da USP, constatamos que há um equilíbrio entre temáticas da filosofia "pura" e as temáticas propriamente educacionais. Não se privilegiou nenhum período filosófico e nenhum filósofo em especial. As questões filosóficas são de cunho bem geral e inicial. Há, entretanto, uma forte ênfase, durante todo o período, na filosofia dos valores que, no nosso entender, é a matriz central da cadeira na Universidade do Brasil.

Os objetivos do curso de filosofia da educação eram os seguintes: - dar à aluna mestra a compreensão do conceito geral de educação dos aspectos específicos da educação brasileira; - habituar a aluna a analisar o fato educacional decomposto em suas categorias: educando, educador, meios e fins; - habituar a aluna a relacionar entre si estas categorias da educação, em face de situações concretas; - examinar os objetivos e valores educacionais e levar as alunas a preferirem os mais adequados às necessidades nacionais da época em que vivemos; - ensinar a aluna a relacionar entre si as diferentes partes dos estudos pedagógicos.

A partir destes objetivos constatamos a ênfase dada às questões educacionais e a filosofia sendo requisitada em função da definição e da análise dos valores necessários à educação. O saber filosófico da educação evidencia-se importante para a futura professora (ressalte-se que o professor refere-se a alunas, gênero feminino), porque lhes possibilita conhecer os diversos elementos da educação em suas diferentes características e, principalmente, conhecer e assumir os valores impostos pela sociedade e pelo tempo presente. Não percebemos outra contribuição tão importante da filosofia para a educação quanto esta. Na verdade, esta seria a função primordial da filosofia da educação no curso de Pedagogia.

Podemos inferir desse aspecto, que o bom (a boa) professor (a) seria aquele (a) consciente de seu tempo, das necessidades do seu país e que, através da atividade educacional, do espaço pedagógico, imprimiria certos valores, ideais, concepções em seus alunos. Diferentemente da forma como estruturava-se o programa de filosofia da educação na USP, nesse mesmo período, não há uma preocupação em propiciar ao aluno uma compreensão dos temas fundamentais da filosofia e dos sistemas e idéias de grandes autores como, por exemplo, da filosofia moderna ou contemporânea para construir-se uma reflexão filosófica sobre a educação. A temática educacional parece impor-se à temática filosófica; a filosofia dos valores é uma constante em todo o período de docência do professor Bittencourt na FNFi.

Quanto a uma preocupação com questões concretas do cotidiano escolar ou de política escolar do período não encontramos referências que pudessem confirmá-la. A cadeira constrói, assim, uma reflexão de cunho genérico sobre a educação.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

Na Faculdade de Filosofia da UFRGS, Álvaro Magalhães foi o professor catedrático de História e Filosofia da Educação, embora fosse engenheiro civil formado pela Universidade Técnica do RS, em 1931. Atuou como professor de física na Escola de Engenharia da Universidade de Porto Alegre que, posteriormente foi denominada Universidade do Rio Grande do Sul (URGS).

Conseguimos recuperar apenas os programas dos anos 60. Tais programas não apresentam mudanças significativas no decorrer do período; permanece o mesmo núcleo básico de conteúdos, compondo as seguintes temáticas:

- 1- Introdução a filosofia: a filosofia e suas disciplinas objeto, estudo de sua natureza, filosofia e ciência, conceitos de filosofia.
- 2- Filosofia da educação: relações entre filosofia e pedagogia, filosofia da educação como antropologia, culturologia e axiologia, correntes da filosofia da educação, con-

ceitos clássicos de educação, filosofia e ciências da educação, grandes correntes da filosofia da educação, educação humanista.

- 3- Temas antropológicos: a linguagem, a arte, a ciência, a religião; concepções de homem na história da filosofia, a importância da antropologia para a filosofia da educação.
- 4- Filosofia dos valores: os objetivos da educação liberal, o problema dos fins da educação; hierarquia de valores; teoria dos valores de Max Scheler.
- 5- Temas contemporâneos sobre escola e educação: a educação superior; as finalidades da universidade; a escola secundária; estudos sobre a educação brasileira; filosofia da escola brasileira a partir da história da legislação e do ensino; a educação e sua importância na atualidade brasileira; a reestruturação da universidade brasileira.

O agrupamento dos conteúdos em temáticas nos permite ter uma visão geral do desenvolvimento do ensino da filosofia da educação no referido período. Ela pode ser definida, na UFGRS, como fundamentalmente tributária da metafísica e do humanismo. A antropologia filosófica sustentou todo o seu desenvolvimento e possibilitou a compreensão da educação e de seus fins. As diversas concepções de homem produzidas na história da filosofia proporcionaram o fundamento para a reflexão filosófica da educação. Salienta-se a dimensão religiosa do homem como elemento importante nos programas da disciplina.

Salientamos a presença, também, de temas em voga na década de 60 como a reestruturação da universidade e, por consequência, a extinção das FFCL. Sobre essa temática registramos a palestra, em 1968, do professor Florestan Fernandes e outros professores/intelectuais (não foram citados os nomes), que participavam ativamente dessas discussões. E, por conta da aprovação da LDB em 1961 e da nova ordem política e econômica a partir de 1964, o estudo sobre a escola brasileira em todos os seus níveis, destacando-se a função do professor e da família.

Algumas ideias conclusivas:

Em um trabalho publicado em Dezembro de 1981 o professor Dermeval Saviani apresentava as quatro concepções fundamentais de Filosofia da Educação na história da educação brasileira: - concepção humanista tradicional; - concepção humanista moderna; - concepção analítica; - concepção dialética. Esta sistematização foi produzida a partir do levantamento de obras em circulação no país, catálogos de editoras, dissertações e teses. Os programas da disciplina não foram objeto de pesquisa, como é o nosso agora. Por isso, torna-se necessário estabelecer uma relação que seja capaz de apresentar as aproximações entre as duas pesquisas.

Os programas de filosofia da educação da USP, UB e UFRGS, apresentados anterior-

mente, no período compreendido entre 1939 e 1970 (aproximadamente) filiam-se à vertente humanista (tradicional), uma vez que, como afirma o professor Saviani, derivam “a compreensão da educação de uma determinada visão de homem”⁶ e, por conseguinte, de um sistema filosófico geral. O professor Adalberto Dias de Carvalho denomina tal concepção de “histórico-filosófica”. Há uma “invocação seletiva dos grandes vultos da história da filosofia - Platão, Rousseau, Kant, etc. - para das suas obras se extraírem os princípios fundamentais e essenciais da teoria e da prática educativas”⁷.

No referido período, nossa história da educação registra o avanço e a posterior solidificação das idéias oriundas do movimento da Escola Nova. Temos em Anísio Teixeira um dos grandes responsáveis por essa afirmação das idéias escolanovistas, principalmente pela produção e divulgação de uma literatura específica.

Anísio Teixeira, em 1932, realizou a reforma da Escola Normal Rio de Janeiro, transformando-a em Instituto de Educação que pretendia “representar a experiência de formação profissional como padrão mais elevado de cultura do mestre primário, e foco de ação e irradiação do movimento dos reformadores da educação brasileira”⁸. No Instituto, Anísio era chefe da seção de História e Filosofia da Educação e professor responsável pela disciplina de filosofia da educação, a qual refletia sua influência da filosofia norte-americana, fundamentalmente de John Dewey.

Com a criação da Universidade do Distrito Federal em 1935⁹, Anísio dá a mesma configuração à disciplina Filosofia da Educação porém, não chega a assumi-la porque tem que sair do Rio de Janeiro, perseguido como comunista.

Essa breve referência a Anísio Teixeira tem o sentido de demonstrar a importância que suas idéias e suas obras tiveram para a consolidação dos ideais escolanovistas no Brasil e, ao mesmo tempo, apontar o fato de que no interior das universidades, nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, os catedráticos da filosofia da educação desenvolviam seus programas em outra direção. Ali, as idéias escolanovistas não repercutiram tanto quanto no espaço da produção editorial. Desde o surgimento da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, órgão do INEP, salienta-se o grande número de artigos de Anísio Teixeira e alguns de Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e outros representantes da Escola Nova¹⁰.

Na Universidade de São Paulo houve uma predominância de temas como metafísica, ética, lógica, sem uma referência específica à filosofia de John Dewey e à temática da Escola Nova. Na Universidade do Brasil predominou a vertente da Filosofia dos Valores de Max Scheler e suas decorrências na educação. O professor Raul Jobim Bittencourt, embora se considerasse filiado ao grupo da Escola Nova, enveredava por outros caminhos filosóficos, como já afirmámos anteriormente. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul constatamos uma centralidade da antropologia filosófica, pois a partir das diferentes concepções de

homem decorriam implicações para a educação. Porém, percebe-se que os autores estudados são representantes de diferentes correntes, sendo estudados autores como Santo Tomás de Aquino, Teilhard Chardin, Ortega y Gasset, Augusto Comte, William James, Bergson, Marx, Nietzsche, revelando um equilíbrio ente a concepção humanista tradicional e a concepção humanista moderna, conforme sistematização de Saviani.

Na verdade, até a década de 60 o ensino de Filosofia da Educação nessas universidades pioneiras e de vanguarda sustentou-se na concepção humanista tradicional mas, aos poucos, foi inserindo as idéias e autores da Escola Nova, filiando-se então, à concepção humanista moderna. Utilizando-nos da expressão do professor Dias de Carvalho podemos afirmar que era uma concepção “histórico-filosófica”, o que fez com que a disciplina filosofia da educação estivesse muito mais vinculada à própria Filosofia do que construindo uma reflexão orgânica com o campo educacional.

Notas

- 1- GUIMARÃES, Carlos Eduardo. Filosofia, Lógica e Educação. In: *Educação e Linguagem*, 1976, p. 100.
- 2- DECRETO N. 19.852 de Abril de 1931. In: Coleção de Leis e Atos do Governo Provisório, RJ, 1932, vol.1, p.464. Apud Xavier, 1990, p. 94.
- 3- SUCUPIRA, Newton . Da faculdade de filosofia à faculdade de educação. In: *RBEP*. Abril/Jun., 1969, p. 273.
- 4- ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS, 1939-1949, vol. II.
- 5- Cf. SCHWARTZMAN, Simon . *Tempos de Capanema*, 1984.
- 6- SAVIANI, Dermeval. Tendências e correntes da educação brasileira. In: MENDES, Dumerval Trigueiro (org.). *Filosofia da Educação Brasileira*, 1994, p. 24.
- 7- DIAS DE CARVALHO, Adalberto. *Epistemologia das Ciências da Educação*, 1988, p. 112.
- 8- ACCÁCIO, Liéte de Oliveira. *Instituto de Educação do Rio de Janeiro: a história da formação do professor primário*. Dissertação de Mestrado, 1993, p. 170.
- 9- Anísio Teixeira foi o responsável pela criação da Universidade do Distrito Federal, que era composta de cinco escolas e um instituto: Escola de Ciências, Escola de Economia, Escola de Direito, Escola de Filosofia, Instituto de Artes e Escola de Professores. Esta última tinha o objectivo fundamental de “prover a formação do magistério em todos os seus graus e concorrer como centro de documentação e pesquisa, para a formação de uma cultura pedagógica nacional”. A UDF foi extinta em 1939, pelo governo centralizador do Estado Novo. Em grande parte foi incorporada a Universidade do Brasil, criada nesse mesmo ano.
- 10- Esses dados foram recolhidos no CATÁLOGO DA RBEP DO N. 1, VOL.1 (Julho, 1944) ao N. 70, VOL.XXIX (Abril/Jun., 1958-59).

Referências Bibliográficas

- ACCÁCIO, Liéte de Oliveira. *Instituto de Educação do Rio de Janeiro: a história da formação do professor primário*. Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade de Educação; Dissertação de Mestrado, 1993.
- ANUÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS, 1939-1949, vol. II.
- DIAS DE CARVALHO, Adalberto. *Epistemologia das Ciências da Educação*. Porto : Edições Afrontamento, 1988. (Biblioteca das Ciências da Educação).
- GUIMARÃES, Carlos Eduardo. Filosofia, Lógica e Educação. In: NAGLE, Jorge (org.) *Educação e Linguagem*. São Paulo : EDART, 1976.
- SAVIANI, Dermeval. "Tendências e correntes da educação brasileira". In: MENDES, Durmeval T. *Filosofia da Educação Brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1994.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro : Paz e Terra; São Paulo : EDUSP. 1984. (Coleção estudos brasileiros, v.81).
- SUCUPIRA, Newton. Da Faculdade de Filosofia à Faculdade de Educação. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 51, n. 114, p.260-275, Abril/Junho, 1969.
- XAVIER, Maria Elizabete S. P. *Capitalismo e Escola no Brasil : a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931-1961)*. Campinas: Papirus, 1990.